



NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL

NARRATIVES OF TESTIMONY: A MANNER THAT RESISTANCE BLACK WOMEN IN BRAZIL

NARRATIVAS DE TESTIMONIO: UNA FORMA DE RESISTENCIA DE LA MUJER NEGRA EN BRAZIL

Cleide Carvalho de Matos¹, Márcia Nemer Furtado², Ana D'Arc Martins de Azevedo³

e422813

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i2.2813>

PUBLICADO: 02/2023

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as narrativas de testemunho escrita por mulheres negras como forma de resistência. A pesquisa caracteriza-se como histórica e bibliográfica. Neste estudo, evidencia-se os trabalhos de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. O resultado indica que apesar da permanência do processo de desigualdade e violência contra mulheres negras, as narrativas de testemunho realmente constituem uma forma de resistência ao processo histórico de apropriação desigual do poder e do saber, além de representar a força da mulher negra, que clama, por meio de sua escrita literária, por liberdade, encanta e incentiva outras mulheres a perseverarem na luta.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Negra no Brasil. Narrativas de testemunho. Resistência.

ABSTRACT

The present paper has the aim to analyze the narratives of testimony written by black women as a manner for resistance. The research uses the historical and bibliographical methodology. In this investigation we highlight the work of Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. The result of this research indicates that, although the inequality and violence process remain against black women, the narratives of testimony constitute an authentic form of resistance to the historical process of unequal appropriation of power and knowledge, besides, it represents the power of black women, that claims, by the literature, for liberty, charms and inactivated other women to perseverated in fight.

KEYWORDS: Black Women in Brazil. Narratives of testimony. Resistance.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo analizar la literatura escrita por mujeres negras como una forma de resistencia. La pesquisa se caracteriza como histórica y bibliográfica. En esta investigación destacamos los trabajos de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. El resultado de la investigación

¹ Doutora em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED/UFGA), Mestre em Educação (PPGED/UFGA), Especialista em Estudos Culturais da Amazônia pela (UFGA) e Graduação em Pedagogia pela (UFGA). Professora Adjunto 3 da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó, Breves, no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPEB/UFGA). Pós-Doutoranda na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

² Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais (UFGA/2000); 03 Especializações: 1) Métodos e Técnicas de Ensino pela Universidade Salgado de Oliveira (RJ/2002); 2) Planejamento e Gestão do Desenvolvimento Regional pela (UFGA, Centro Socioeconômico/2004); 3) Sociedade, Cidadania e Políticas Públicas (UFGA/ Instituto de Ciências Sociais Aplicadas/2010). Mestrado em Gestão Pública: área de concentração em Gestão Pública do Desenvolvimento, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFGA/NAEA). Doutoranda do curso de Pós-graduação stricto sensu em Comunicação, Linguagem e Cultura, Universidade da Amazônia (UNAMA). Professora de Sociologia, nível médio, SEDUC; Professora Substituta UFGA (Breves/PA).

³ Curriculista na área de Educação/Saberes/Culturas, com ênfase em Educação Quilombola da Amazônia. Doutora em Educação/Currículo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP). Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestrado em Educação pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Especialista em Educação Especial com enfoque inclusivo. Especialista em Supervisão Educacional. Graduação em Pedagogia pela União do Ensino Superior (UNESP). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Professora Titular do Programa Stricto Sensu em Comunicação, Linguagens e Culturas e do Programa Mestrado Profissional em Gestão de Conhecimentos para o Desenvolvimento Socioambiental da UNAMA. Avaliadora de Cursos e de IES do INEP/MEC. Coordenadora e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Saberes e Práticas Educativas de Populações Quilombolas" - EDUQ/UEPA.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL
Cleide Carvalho de Matos, Márcia Nemer Furtado, Ana D'Arc Martins de Azevedo

indica que, a pesar de la permanencia del proceso de desigualdad y violencia contra las mujeres negras, las narrativas de testimonio constituyen una forma real de resistencia al proceso histórico de apropiación desigual del poder y del saber, más allá de representar el empoderamiento de la mujer negra, que clama, por medio de su escrita literaria, por libertad, encanta e incentiva otras mujeres a perseverar en la lucha.

PALABRAS CLAVES: *Mujeres Negras en Brazil. Narrativas de testimonio. Resistencia.*

INTRODUÇÃO

De acordo com Nascimento (2020), a presença da mulher na literatura brasileira do século XX enfrentou obstáculos de ordem sociopolítica, econômica (distribuição desigual de papéis econômicos e políticos) e de gênero (ausência de condições materiais para o exercício intelectual). Nesse contexto, o movimento feminista teve um papel fundamental para a constituição de um processo afirmativo da mulher como produtora de poder e de resistência por meio da literatura.

As mulheres, os negros, e outras “minorias” (nem sempre numéricas) veem-se excluídos das posições sociais mais elevadas, dos estudos acadêmicos, das editoras, dos cânones literários, e, assim, não surgem como formadores de opinião. E daí entender por que a literatura feita por mulheres é, em sua essência, questionada enquanto modelo de autoafirmação perante essa realidade, ou seja, construção identitária, ou apenas um espaço de reafirmação do sexismo tão propagada pela literatura tradicional e falocêntrica (NASCIMENTO, 2020, p. 3).

Inicialmente, a bandeira de luta feminista no Brasil foi a do direito ao voto. Mulheres brancas e das classes privilegiadas iniciaram esse movimento. Após essa primeira conquista na década de 1930, as mulheres dividiram-se entre os movimentos pró-getulistas e comunistas: muitas conseguiram iniciar atuações políticas, mas logo foram destituídas do poder; e a partir do período de Ditadura Militar (1964-1985), as questões contra as mulheres se agravaram, sendo muitas as perseguições, prisões, torturas e mortes.

O movimento de mulheres continua dividido entre a luta de cunho mais geral e as de caráter mais específico, como a igualdade de direitos econômicos, políticos e de gênero. A importância dessa mobilização se expressa na institucionalização de direitos que asseguram às mulheres um mínimo de segurança, “[...] num país onde a violência contra mulheres e crianças possui números assustadores e onde a defesa da honra era utilizada para justificar o descabimento do machismo embutido na nossa formação cultural” (NASCIMENTO, 2020, p. 9).

Nesse contexto, a literatura torna-se um caminho para a luta contra a exclusão feminina, constituindo um espaço para a escrita da sua própria versão da história, e por meio dessas memórias, instigar o leitor ou leitora a decidir por rumos diferentes, capazes de provocar uma inquietude de ação em prol de políticas afirmativas, bem como proporcionar acessos e oportunidades mais igualitárias para as mulheres nos mais diversos campos de atuação social, política, cultural e educacional (NASCIMENTO, 2020).

Vale enfatizar que somente na segunda metade do século XX a literatura feminina surge no Brasil. As principais frentes de luta – libertação dos escravos e os direitos das mulheres – servirão de base às reivindicações posteriores. Mais tarde, a literatura feminina será identificada como forma de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL
Cleide Carvalho de Matos, Márcia Nemer Furtado, Ana D'Arc Martins de Azevedo

resistência, de posicionamento contra processos opressores de gênero, como forma de questionar a sociedade, além de representar uma alternativa de contraposição à realidade excludente, sexista e racista (NASCIMENTO, 2020).

[...] Nísia Floresta, também considerada a primeira feminista brasileira. Nordestina, inicia uma militância política e jornalística de caráter republicano, favorável à liberação dos escravos e à luta pelos direitos da mulher. O seu primeiro livro, *Direitos da mulher e injustiça dos homens*, publicado em 1832, é considerado o texto inicial do feminismo brasileiro. (NASCIMENTO, 2020, p. 7).

Apesar das conquistas alcançadas pelas lutas das mulheres, ainda existe muitas batalhas a serem travadas, sobretudo com relação a mulher negra, que ainda enfrenta processos de invisibilidade social, principalmente em função da falta de acesso à educação, ao trabalho digno, o que contribui para que esse grupo populacional seja um dos mais afetados pela violência nas suas mais diversas formas.

De acordo com Carneiro (2005), dados apresentados por diferentes agências de pesquisas sobre mortes violentas indicam um desequilíbrio envolvendo a racialidade. Brancos e negros detêm condicionantes diferenciados: observa-se claramente a preservação da vida dos primeiros por várias ações do Estado e a exposição à morte dos demais pela omissão do Estado.

As desigualdades raciais se manifestam em diferentes dimensões da realidade social, em especial no campo da saúde da população negra. No Brasil, nas últimas décadas, houve uma redução efetiva nas taxas de mortalidade de menores de um 1 ano de idade. Porém, quando os números se referem à variável cor, constata-se que a redução no índice de mortalidade infantil entre brancos é bem maior que a mortalidade infantil negra (CARNEIRO, 2005).

Tais questões nos motivaram a analisar as narrativas de testemunho escrita por mulheres negras como forma de resistência. As narrativas de testemunho, tornaram-se um grito de liberdade e resistiram ao processo histórico, econômico e cultural de apropriação desigual do poder e do saber. Nesse prisma, compreender a literatura produzida pelas mulheres negras a partir de suas vivências e de suas realidades sociais, econômicas e políticas vivenciadas na periferia do sistema capitalista, significar compreender a concepção de realidade dessas mulheres numa perspectiva ontológica. De acordo com Gamboa (2008, p. 105), a concepção de realidade enquanto pressuposto ontológico "[...] se relaciona com as concepções de história, de homem, de sujeito, de objeto, de ciência, de construção lógica etc."; daí a importância de dar visibilidade às narrativas dessas mulheres para compreender suas histórias, memórias e lutas.

Narrativa de testemunho: conceito e característica

De acordo com Silva (2014, p. 2), a narrativa de testemunho "[...] é uma abordagem da literatura que abrange produções literárias surgidas a partir de memórias narradas por aqueles que viveram sob o domínio de regimes ditatoriais". O autor chama atenção para um elemento importante que constitui as narrativas de testemunho, a necessidade de lembrar e de "[...] narrar com palavras o que a memória recusa-se a esquecer (SILVA, 2014, p. 2).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL
Cleide Carvalho de Matos, Márcia Nemer Furtado, Ana D'Arc Martins de Azevedo

De acordo com Sarmiento-Pantoja e Lima (2015), a maior parte da produção literária brasileira contemporânea traz forte teor testemunhal das atrocidades vivenciadas no século XX. São memórias de violência provenientes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que podem servir tanto para mostrar a

[...] capacidade de aniquilação que o ser humano lança sobre sua própria espécie, bem como nos põe a pensar que este mesmo ser humano é o único agente capaz de evitar e ocorrência de novas catástrofes. (SARMENTO-PANTOJA; LIMA, 2015, p. 84).

Nessa perspectiva, as narrativas de testemunhos podem representar formas de resistência e, conseqüentemente, a tomada de consciência capaz de instigar intervenções contrárias a qualquer ato de intolerância, violência e desumanidade.

Para Sousa (2019), as mulheres negras vivenciaram – e continuam vivenciando – processos de silenciamento, e por meio da literatura, encontraram uma maneira de dar voz àquelas que, por séculos, foram emudecidas e invisibilizadas pelas mais diversas formas de escravidão. São narrativas escritas a partir da dor e do olhar próprio de mulheres que resistem à ideologia dominante.

E aliando a esse sistema, tem-se a ausência significativa de escritoras negras e o ocultamento de suas obras, provocando a invisibilidade também da sua escritura, o que representa, pode-se dizer, um epistemicídioⁱ e uma abolição inacabada. Mas elas lutaram e vêm lutando ao longo dos séculos, principalmente através da literatura, contra o silenciamento da sua produção cultural/literária e pelo fim, de fato, da abolição. Para tal, muitas vêm se tornando escritoras produtoras de uma literatura própria, pautada em sonhos de emancipação, liberdade, autonomia e pleno direito a uma alteridade positiva. (SOUSA, 2019, p. 108).

Apesar de não existir um consenso em relação à denominação dos escritos de mulheres negras, estes são definidos na literatura como afrodescendente ou afro-brasileira, pois, geralmente, são escritos constituídos a partir das vivências práticas de situações de racismo e escravidão. Vale enfatizar que “afro” comporta também índios e mestiços, que, como os negros, sofrem com as experiências de preconceito e exclusão (SOUSA, 2019).

A escrava Nazaré do Piauí é a precursora na construção da literatura de testemunho afro-brasileira. Na carta narrativa “Esperança Garcia” escrita no período colonial, a autora “[...] denuncia os maus-tratos sofridos por ela e a família e reclama por direitos ao Governador da Província do Piauí. Além disso, expressa que rompeu também com a barreira que proibia a alfabetização dos escravos no Brasil colônia [...]” (SOUSA, 2019, p. 111).

Eu Sou hua escrava de V.S. dadministração do Cap^a m Ant^o Vieira de Couto, cazada. Desde que o Cap^a mp^a Lá foi adeministrar, q, me tirou da fazd^a dos algodois, aonde vevia com meu marido, para ser cozinheira da sua caza, onde nella passo mt mal. A Primeira hé q. ha grandes trovadas de pancadas en hum Filho meu sendo huã criança q. lhe fez estrair sangue pella boca, em mim não poço esplicar q Sou hucolcham de pancadas, tanto q cahyhuã vez do Sobrado abachopeiada; por mezericordia de DsesCapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tresannos. E huã criança minha e duas mais por Batizar. Pello q Peço a V.S. pello amor de Ds. e do Seu ValimT^o ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar a Porcurador que mande p. a Fazd^a aonde elle me tirou p^a eu viver com meu marido e Batizar minha Filha de V.Sa. sua escrava EspPeranCa Garcia (sic) (SOUSA, 2019, p. 111).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL
Cleide Carvalho de Matos, Márcia Nemer Furtado, Ana D'Arc Martins de Azevedo

Segundo Ferreira e Migliozi (2016), as produções escritas de mulheres negras no Brasil têm como objetivo básico o rompimento com estereótipos negativos e opressores por meio da voz literária. Apesar de esta escrita ganhar força com os movimentos sociais de trabalhadores, negros e mulheres, e possuir pontos comuns com eles, todavia, afasta-se deles por não encontrar representatividade em meio a atitudes machistas e racistas.

Dessa maneira, principalmente a partir de 1960, as mulheres negras começam a buscar suas próprias especificidades de luta. Contam, pelas narrativas escritas, que desde a escravidão seus direitos foram negados, não tinham a posse de si mesmas e muito menos dos próprios filhos; descrevem um passado de sofrimentos, com abusos e outras marcas de violência, um presente de exclusão, mínimas oportunidades, muitas dificuldades, e raras expectativas (FERREIRA; MIGLIOZZI, 2016).

A literatura afro-feminina, além de denunciar essa situação pela qual ainda estão submetidas as mulheres negras, revela quem é esta mulher, que está em constante busca por seus direitos, desde aqueles considerados os mais básicos, como o direito ao pão, à moradia, ao trabalho e até aqueles considerados mais “complexos” como o direito à fala, à maternidade, ao corpo, à sexualidade, ao estudo, à afro-brasilidade, à ancestralidade, à religiosidade, à memória, à poesia, à família, ao amor. São textos que possuem a marca da escrivência, ou seja, escrita da existência. A escrita é fruto de suas experiências de vida. É resultado daquilo que viveu, viu ou ouviu. É um texto que se posiciona, não é neutro. Tem cor, sexo, posição social (FERREIRA; MIGLIOZZI, 2016, p. 4).

Atualmente, várias mulheres negras são exemplos desse processo de resistência, pois seus testemunhos de vida continuam, como o da escrava Nazaré do Piauí, construindo a literatura afro-brasileira, denunciando as mazelas de seu tempo e clamando por justiça por meio da arte literária.

MÉTODO DE PESQUISA

Para o desenvolvimento da pesquisa científica, o método é um dos principais instrumentos norteadores de todo o processo, pois “a busca de uma explicação [...] para as relações que ocorrem entre os fatos, quer naturais, quer sociais, passa, dentro da chamada teoria do conhecimento, pela discussão do método” (PÁDUA, 2004, p. 16). Para Martins e Lavoura (2018, p. 235), o método “[...] permite ao sujeito investigador desnudar as formas fenomênicas de um objeto, apreender o seu movimento, encontrar as determinações constitutivas da dinâmica e desenvolvimento do mesmo”.

Para Fenellon (2010), a pesquisa é uma construção social que pressupõe o envolvimento do pesquisador, a partir do seu presente e de sua posição no social, com a produção do conhecimento. De modo que “Toda produção do conhecimento é fruto de um contexto social e, como tal, carrega supostos, pressupostos, uma teoria sobre a história, uma filosofia sobre a vida, sobre o mundo e, portanto, sobre a história, que certamente, marcam a investigação” (FENELLON, 2010, p. 138).

Nesse caminho, analisar as narrativas de testemunho e reconhecer a literatura escrita por mulheres negras como forma de resistência é tarefa para a concepção materialista histórico-dialética, pois ela reconhece que o historiador, no caso as escritoras negras, pode produzir conhecimento sobre o seu tempo histórico, problematizar o passado, questioná-lo e reescrever o momento presente.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL
Cleide Carvalho de Matos, Márcia Nemer Furtado, Ana D'Arc Martins de Azevedo

Nesse processo de construção histórica e social, Fenellon (2010, p. 152) chama a atenção para a utilização de diferentes fontes, conforme destacamos neste trecho:

Os trabalhos com a literatura, com filmes reconstituídos, fotografias, poesias, panfletos, literatura de cordel, romances ditos populares constituem documentos importantes para reconstruções históricas e no Brasil pouco se lança mão desses objetos, preferindo-se as fontes oficiais.

Reconhecer essa diversidade de fonte é possibilitar a valorização da memória e, conseqüentemente, dos processos de luta e superação dos sujeitos que historicamente foram ocultados na historiografia oficial.

Nesse sentido, Lombardi (2004, p. 157), ao se referir às transformações no campo da Historiografia, afirma que “[...] Com Engels e Marx, e depois com Febvre e Bloch, aprendemos que a vida de todos os homens, todas as formas de relações, todos os agrupamentos e classes sociais constituem objetos de estudo que interessam aos investigadores. A ampliação da noção de fonte contribuiu para repensar o próprio conhecimento histórico.”

Por meio da pesquisa bibliográfica tivemos acesso a artigos científicos, livros, capítulos de livros sobre o tema. Para Pádua (2004), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador o contato com a produção científica sobre o seu tema de estudo, oferecendo meios para a (re)definição do planejamento da pesquisa.

O acesso à narrativa de testemunho ocorreu por meio da pesquisa documental, cuja fonte são as produções de Maria Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. Compreendemos, com Evangelista (2022, p. 15) que “[...] toda fonte traz uma compreensão de mundo e gera uma leitura e [...] toda leitura tem comprometimento”. Deste modo, segundo Evangelista (2022, p. 14), “É necessário, então, captar as múltiplas determinações da fonte e da realidade que a produz”, pois os documentos são portadores de intencionalidades.

Nas palavras de Evangelista (2022, p. 14): “Documentos são produtos de informações selecionadas, de avaliações, de análises, de tendências, de recomendações, de proposições. Expressam e resultam de uma combinação de intencionalidades, valores e discursos; [...]”. Por meio dos escritos de Maria Carolina de Jesus e Conceição Evaristo buscamos analisar o papel dessas mulheres na produção de uma literatura de resistência e existência.

Para Lorenz (2015), o conceito de *resistência* relaciona-se à luta coletiva em nome da emancipação nem sempre conquistada pelas armas bélicas. Como exemplo de tal afirmativa, o autor relembra uma frase grafitada na parede de um bairro popular que expressava uma mensagem de resistência, pois, enquanto o golpe militar que derrubou o presidente Juan Perón na Argentina, em 1955, divulgava uma “revolução libertadora”, o povo daquele bairro sentia o inverso. Partindo dessa afirmação, pode-se pensar a resistência como construção de um caminho não convencional de luta pela liberdade. Assim, poder-se-ia buscar a justiça pela inflexão e/ou pela escrita, modificando a direção das memórias de submissão em prol de um futuro de emancipação.

[...] nas paredes de um bairro popular de trabalhadores, apareceu um grafite desafiante: “Os ianques, os Russos e as potências Reconhecem à Libertadora. Villa Manuelita



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL
Cleide Carvalho de Matos, Márcia Nemer Furtado, Ana D'Arc Martins de Azevedo

Não". [...] Se, como destacamos, a representação da resistência constrói o lado dos justos como frágil e pequeno, como transformá-lo, politicamente, em forte e hegemônico? [...] Os grupos que se reúnem nas praças e espaços públicos de diferentes cidades do mundo revelam um ponto (possível) de inflexão. Mas como recuperar o segundo momento da resistência? Em outras palavras, como avançar? Perguntas que somente podem acontecer com a ideia mais básica de um "para onde". Permanecendo firmes e resistindo, pois é para avançar, seja na forma de um mandato, de uma recordação, ou de um projeto materializado. Pensar as resistências historicamente, então, é ao mesmo tempo, estudar projetos e identidades na história e imaginar os nossos na atualidade. Então um sinônimo de "resistência" é "futuro" (LORENZ, 2015, p. 13; 14; 15).

A afirmação da existência de mulheres negras, da periferia do sistema capitalista, por meio das narrativas de testemunho dá visibilidade para os crescentes dados de violência e morte de mulheres negras que poderiam ter sido evitadas se medidas preventivas adequadas tivessem sido tomadas:

[...] a taxa de mortalidade por assassinato que é a quarta num *ranking* perverso que vem liderado pela AIDS – 14,0%, câncer – 11,4%, acidentes de trânsito – 8,1%, homicídios – 7,5% e causas maternas – 3,1%. O número de homicídios é mais que o dobro do que a taxa de mortalidade por causas maternas (MALUF, 2004, *apud* NASCIMENTO, 2020, p. 11).

Estudos de caso realizado por Carneiro (2005) revela que as mulheres negras morrem 6.6 vezes mais que as brancas de morte materna somente no Estado de São Paulo, mais desenvolvido economicamente do país.

A desqualificação da importância da vida segundo a racialidade imprime e determina o descaso e a desatenção, e, não prioridade, da busca de reconhecimento e conhecimento dessas singularidades. [...]. O descaso em relação à proteção ao parto é parte de uma dinâmica negativa em relação à racialidade negra que enreda as mulheres negras num círculo vicioso de violação sistemática de seus direitos reprodutivos. [...]. Outra dimensão em que o descaso em relação à saúde da população negra se revela, em especial sobre as mulheres negras, está na ausência de reconhecimento ao tema das miomatoses que atingem de maneira desproporcional as mulheres negras. O mioma é um tumor que só acontece durante o período reprodutivo da mulher. [...] (CARNEIRO, 2005, p. 81-82; 85).

Nesse caminho, torna-se fundamental desvelar as relações sociais hierárquicas de dominação (diferenças ideológicas entre homens e mulheres), constituídas em diferentes sociedades e contextos históricos associados a processos de apropriação econômica-social e cultural de poder que reverberam em desigualdades entre os sexos e exigem diversas formas de enfrentamento.

Narrativas de testemunho: Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo

Na sociedade patriarcal, por muito tempo, o contexto literário, por exemplo, limitava-se à figura masculina e branca, delegando aos homens brancos o poder da escrita sobre todas as áreas sociais (MARCELLO, 2021). Entretanto, nas últimas décadas, as produções de mulheres negras ganharam força na figura das escritoras moçambicanas Paulina Chiziane e Noémia de Sousa, da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, das norte-americanas Alice Walker, Marguerite Ann Johnson, conhecida por Maya Angelou, e Gloria Jean Watkins, conhecida como *bell hooks*, além das brasileiras Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Mel Duarte e Ryane Leão, entre outros nomes. Para melhor compreensão da referida força da produção literária dessas mulheres



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL
Cleide Carvalho de Matos, Márcia Nemer Furtado, Ana D'Arc Martins de Azevedo

vejamos alguns trechos das obras mais conhecidas de duas delas no Brasil, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo.

Carolina Maria de Jesus foi uma das maiores escritoras negras brasileiras, escreveu cerca de 20 diários nos quais relata sua condição de vida e experiências como mãe solteira, moradora da favela e catadora de materiais recicláveis (MARCELLO, 2021).

A obra destaque de Carolina Maria de Jesus *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* é um forte depoimento da realidade de moradores da periferia brasileira. É uma edição que foge aos padrões normativos da gramática por respeitar a linguagem da autora e sua forma de expressão. Para Dantas (2014), a maior riqueza da referida produção literária é a descrição contada por quem viveu esse cotidiano; são relatos de violência, miséria, fome e dificuldades. Um relato atemporal que continua emocionando porque ainda representa o dia a dia de muitos moradores das favelas/comunidades brasileiras.

A fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina. [...] Em sua rotineira busca da sobrevivência no lixo da cidade, ela descobriu que as coisas todas do mundo – o céu, as árvores, as pessoas, os bichos – ficavam amarelas quando a fome atingia o limite do suportável. Carolina viu a cor da fome – a Amarela (DANTAS, 2014, p. 4-5).

Assim como Carolina Maria de Jesus descreve os detalhes da fome, incluindo sua cor, também denuncia, com propriedade, o sentir na pele outras mazelas sociais. Seu diário inicia no dia 5 de julho de 1955 relatando que não consegue realizar o desejo de comprar um par de sapatos para presentear sua filha em seu aniversário por ser escrava do alto custo dos gêneros alimentícios. Acabou dando à filha um par de sapatos que encontrou no lixo, remendando-o, e com o dinheiro que recebeu por catar papel preferiu comprar comida. São relatos derivados do olhar da escritora sobre a vida na favela, onde diariamente presencia cenas de violência doméstica, violência contra crianças, indigência, alcoolismo, doenças, intrigas, falta de solidariedade, falta de água, falta de segurança, assaltos, roubos, criminalidade, sujeira, odor, podridão, frio, exploração política e religiosa.

Abri a janela e vi as mulheres que passavam rápidas com seus agasalhos descolorados e gastos pelo tempo. [...] Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo (JESUS, 2014, p. 37).

Descreve, ainda, sentimentos que expressam caráter, educação, amor ao país e a beleza da natureza, contemplação ao sol, ao vento, as estrelas cintilantes, a chuva, ao céu azul, as nuvens, a brisa suave, ao perfume das flores. Mas ao mesmo tempo demonstra outros que ofuscam a beleza, como amargura, dor, desânimo, tristeza e revolta, principalmente contra políticos e serviços públicos, que segundo ela deveriam servir ao povo, mas servem mesmo é para ampliar a exclusão social.

Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando esse grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-serrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade [...].



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL
Cleide Carvalho de Matos, Márcia Nemer Furtado, Ana D'Arc Martins de Azevedo

[...] ...Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor e a aflição do pobre. Se a maioria revolta-se o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores [...] (sic).

[...] eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, porque em 1953 [...]. Havia um pretinho bonitinho [...]. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. [...]. A fome era tanta que ele não pode deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. [...]. Isso não pode ser real um paiz fértil igual ao meu. Revoltei contra o tal serviço social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais. [...] No outro dia encontraram o pretinho morto [...]. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome (sic) (JESUS, 2014, p. 38; 39).

Apesar de Carolina Maria de Jesus ser semianalfabeta e não ter conseguido ser professora como sua mãe sonhara, conseguiu, por meio da escola da vida, obter o reconhecimento de escritora, tornando-se símbolo de resistência e luta contra as desigualdades sociais.

O tempo operou profundas mudanças na vida de Carolina, a partir do momento em que os seus escritos – registros do dia a dia angustiante da miséria favelada – foram impressos em letra de forma, num livro que correu mundo, lido, discutido e admirado em 13 idiomas. Um livro assim, forte e original, só podia gerar muita polêmica. Para começar, ele rompeu a rotina das magras edições de dois, três mil exemplares, no Brasil. Em poucos meses, a partir de agosto de 1960, quando foi lançado, sucessivas edições atingiram, em conjunto, as alturas dos 100 mil exemplares (DANTAS, 2014, p. 5).

Seu caráter e humildade nunca a deixaram desistir de escrever sobre os processos de exclusão de seu tempo, os quais se multiplicam e continuam sendo representados pela vida de cada morador de periferia do Brasil. Nessa perspectiva, podemos afirmar que o sucesso de seus escritos representa também uma forma de resistência a miséria, a fome e a exclusão social vivida por Carolina Maria de Jesus.

Conceição Evaristo “[...] escritora negra que reverencia suas ancestrais pela cumplicidade e pela dor de serem mulheres e negras, a partir de uma perspectiva genealógica que se dá quando as personagens ligam-se umas às outras a partir de referenciais simbólicos compartilhados” (SOUSA, FREITAS, 2021, p. 3).

Por meio das suas poesias, ficções e ensaios, Conceição Evaristo contribuiu para o processo de afirmação e valorização da cultura negra. Entre seus escritos mais conhecidos destacam-se: *Cadernos Negros* (1990); *Ponciá Vicêncio* (2003); *Becos da memória também* (2006); *Olhos d'água* (2018); e *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), destacando neste último o poema “Vozes-mulheres” (MARCELLO, 2021).

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. Ecoou lamentos de uma infância perdida. A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo. A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome. A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância O eco da vida-liberdade (EVARISTO, 2021, p. 10-11).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL
Cleide Carvalho de Matos, Márcia Nemer Furtado, Ana D'Arc Martins de Azevedo

O poema “Vozes-mulheres” relata a memória e a história de sua descendência escrava, envolvendo desde o período do tráfico negreiro, em que sua bisavó perde a infância nos porões daqueles navios. Sua avó aprendeu a ser obediente aos seus donos brancos, e sua mãe representa a revolta de cuidar de cozinhas alheias enquanto a sua cozinha na favela lembrava a falta de comida e fome.

O retorno ao passado, para os afrodescendentes, é uma tentativa de se recosturar a tessitura de suas identidades afrodiaspóricas. É uma volta necessária para entender-se e situar-se no mundo a partir de uma árvore genealógica, que tem como raiz o continente africano e todas as suas manifestações afrodiaspóricas, resultantes dos deslocamentos (SOUSA; FREITAS, 2021, p. 9).

Nesse processo de retorno ao passado para se conectar com a sua ancestralidade, Conceição Evaristo constrói uma memória coletiva que representa, portanto, a voz de todas as dores de todas as mulheres silenciadas pela escravidão e pela exploração, representa também a resistência e a esperança de liberdade, de visibilidade da mulher negra.

A escrita de Conceição Evaristo é marcada pelo “[...] viés memorialístico presente em suas obras, o qual, por meio das personagens, traduz as mazelas, os dilemas, o preconceito, o desamparo de homens, mulheres e crianças negras residentes em favelas e becos” (SOUSA; FREITAS, 2021, p. 8). Deste modo, a produção literária de Conceição Evaristo consegue estabelecer uma interlocução entre os diferentes contextos sociais, histórico-culturais e econômicos representados em seus escritos. Por meio de suas narrativas, ela “[...] mantém seu olhar no passado e no presente” (SOUSA; FREITAS, 2021, p. 17). Por isso, sua escrita é uma forma de resistência, de existência e de resiliência da mulher negra no Brasil.

CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que, apesar do crescimento do espaço da mulher na sociedade, as mulheres negras brasileiras ainda enfrentam desigualdades de raça, gênero e classe e as mais diversas formas de violência e exclusão. Os espaços para produção e crescimento intelectual são bem mais restritos ao sexo feminino, principalmente o negro.

O processo de luta contra essa realidade de opressão e violência é diverso, porém, procuramos enfatizar a produção literária como espaço de resistência da mulher negra brasileira. Por meio das narrativas de testemunho, as mulheres denunciam situações de escravidão, opressão, pobreza, fome, miséria e sentimentos de dor, tristeza, desânimo, mas, também, de revolta em relação às estruturas desiguais de poder político, social, econômico e cultural.

Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo foram os principais exemplos utilizados neste estudo para expor essa realidade. Ambas, em tempos diferentes, continuam atuais, pois suas narrativas permanecem vivas na realidade do povo marginalizado e sofrido e expressam novas formas de escravidão que continuam atormentando a vida de muitos brasileiros.

As favelas/comunidades são as “senzalas” atuais, e a violência doméstica e o feminicídio representam as correntes modernas do machismo; o subemprego esconde a escravidão moderna; situações de indignância, exclusão e degradação ambiental celebram a vitória do capital.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL
Cleide Carvalho de Matos, Márcia Nemer Furtado, Ana D'Arc Martins de Azevedo

O resultado desta pesquisa indica que apesar da permanência desse processo de desigualdade e violência de várias ordens, as narrativas de testemunho apresentam-se como forma de resistência ao processo histórico de apropriação desigual do poder e do saber. Além de dar visibilidade a mulher negra, que clama por liberdade, por meio de seu testemunho de vida, e do poder de sua escrita literária que encanta e incentiva outras mulheres a perseverarem na luta.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339f. Orientadora: Roseli Fischmann. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

DANTAS, Audálio. Prefácio. A atualidade do mundo de Carolina. *In*: JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 200. Disponível em: <https://www.coletivoleitor.com.br/wpcontent/uploads/2019/11/quarto-de-despejo.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

EVANGELISTA, Olinda. **Apontamentos para o trabalho com documentos em políticas educacional**. [S. l.: s. n.], s/d. (Digitalizado). Disponível em: http://moodle3.nead.uem.br/pluginfile.php/30539/mod_resource/content/1/Olinda%20Evangelista%20-%20Apontamentos.pdf. Acesso em: 22 ago. 2022.

EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. *In*: **Literafro – portal da literatura afro-brasileira**, 2021. (Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais). Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>. Acesso em: 20 ago. 2021.

FENELLON, Déa. Pesquisa em história: perspectivas e abordagens. *In*: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 131-153.

FERREIRA, Amanda Crispim; MIGLIOZZI, Luiz Carlos Ferreira de Melo. Literatura afro-feminina brasileira do século XXI: corpo, voz, poesia e resistência. *In*: **XV Abralic – experiências literárias textualidades contemporâneas**, 2016. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491524538.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

GAMBOA, Silvio A. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. *In*: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 91-116.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. Disponível em: <https://www.coletivoleitor.com.br/wpcontent/uploads/2019/11/quarto-de-despejo.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

LOMBARDI, José Claudinei. História e historiografia da educação: atentando para as fontes. *In*: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2004. p. 141-178.

LORENZ, Federico. Resistências. *In*: PANTOJA, Augusto Sarmiento; CORNELSEN, Élcio Loureiro. Margens. **Revista Interdisciplinar da Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação (DPPG)**, Abaetetuba, PA, n. 13, p. 11-15, dez. 2015.

MARCELLO, Carolina. 12 escritoras negras que você precisa ler. **Blog “Cultura Genial” – Literatura**, 2021. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/escritoras-negras/>. Acesso em: 20 ago. 2021.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE TESTEMUNHO: UMA FORMA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NO BRASIL
Cleide Carvalho de Matos, Márcia Nemer Furtado, Ana D'Arc Martins de Azevedo

MARTINS, Ligia Márcia; LAVOURA, Tiago Nicola. Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 71, p. 223-239, set./out. 2018.

NASCIMENTO, Dulcilene Ribeiro Soares. **A gênese das escritoras**: influência do feminismo na literatura feminina no Brasil. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <http://www.minerva.edu.py/archivo/10/6/Influencia%20do%20Feminismo.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

PÁDUA, Elizabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 10. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia Maria; LIMA, Kamila Rodrigues. O teor testemunhal no conto "Helga", de Lygia Fagundes Telles: um estudo de memória e identidade. In: PANTOJA, Augusto Sarmiento; CORNELSEN, Élcio Loureiro. Dossiê: Literatura e Resistência. Margens. **Revista Interdisciplinar da Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação (DPPG)**, Abaetetuba, PA, n. 13, p. 76-85, dez. 2015.

SILVA, Raysa Luana da. A questão da memória em narrativas de testemunho. **Revista do SELL**, v. 4, n. 2, 2014. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/459>. Acesso em: 27 maio 2022.

SOUSA, Rayron Lennon Costa; FREITAS, Risoleta Viana de. A genealogia negro-brasileira contemporânea de autoria feminina na literatura de Conceição Evaristo: Tempo, Temporalidade e Ancestralidade em Olhos d'água (2018). **Criação & Crítica**, n. 29, maio 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoe critica/article/view/171360>. Acesso em: 07 fev. 2023.

SOUZA, Fabiana dos Santos. Literatura afro-feminina brasileira: uma forma de combate ao silenciamento e ao racismo. **Di nuove e vecchie schiavi**, 2 set. 2019. Disponível em: <https://docplayer.com.br/213344331-Literatura-afro-feminina-brasileira-uma-forma-de-combate-ao-silenciamento-e-ao-racismo.html>. Acesso em: 02 ago. 2021.

ⁱ "Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento 'legítimo' ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc." (CARNEIRO, 2005, p. 97).